



## SÃO PAULO, MODERNIDADE E ARTE: MUDANÇAS ESTRUTURAIS, PLANEJAMENTO URBANÍSTICO E SOCIABILIDADE URBANA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3392

Heraldo Márcio Galvão Júnior, UFPA/UNIFESSPA

### Resumo

Parte-se, com este trabalho, de duas peças teatrais escritas em francês por Oswald de Andrade e Guilherme de Almeida em 1916. Devido às peças serem escritas em meio a bares e cafés, seus enredos passarão-se em espaços exclusivamente urbanos e paulistanos, trazerem representações acerca da cidade enquanto espaço moderno e caracterizarem diversos personagens pela nacionalidade ou por tipos sociais, há a necessidade de resgatar a história da cidade em sua fase de reconfiguração de diversos setores da vida paulistana. No Brasil, agora republicano, e em meio aos reflexos da Grande Guerra, como o nacionalismo, geraram a necessidade de busca de uma identidade. A cidade de São Paulo também passava por diversas transformações em sua fisionomia e sociabilidade, com a crescente urbanização proporcionada por investimentos do rico setor cafeeiro, além do grande contingente de estrangeiros que chegavam quase que diariamente à capital paulista. As alterações urbanas, como a chegada da eletricidade, dos bondes e da iluminação pública, a nova arquitetura e as novas praças, coadunam com modificações no âmbito social, inclusive no que concerne à sociabilidade cidadina, recebendo regularizações municipais. Nesse sentido, serão apresentados resultados de uma dissertação de mestrado que visa, entre outras questões, analisar de que maneira as transformações urbanas pelas quais passou a capital paulista em fins do século XIX e início do século XX foram importantes para a formação de uma nova mentalidade que perpassou diversos âmbitos sociais, políticos e culturais, assim como verificar de que maneira o espaço urbano é representado pelos autores das peças.

### Palavras Chave:

modernismo; cidade;  
teatro; Oswald de  
Andrade; literatura.

Uma geração que fora à escola em bondes puxados por cavalos se encontrou, subitamente, em uma paisagem onde tudo se alterara e nada permanecia igual ao que fora antes – exceto as nuvens e, debaixo delas, em meio a explosões, o frágil e minúsculo corpo humano.

Walter Benjamin

*Mon coeur balance* e *Leur âme* foram escritas entre 1915 e 1916, período em que a Primeira Guerra Mundial afetava física e psicologicamente diversos países. No Brasil, a recente implantação de República, somada aos reflexos da Grande Guerra, como o nacionalismo, geraram a necessidade de busca de uma identidade que aglutinasse todos os brasileiros em torno da nação. A cidade de São Paulo também passava por diversas transformações em sua fisionomia e sociabilidade, com a crescente urbanização proporcionada por investimentos do rico setor cafeeiro, além do grande contingente de estrangeiros que chegavam quase que diariamente à capital paulista. Neste estado, que até então tivera pouca importância na economia e na política nacional, as elites paulistas passaram a exigir maior visibilidade e participação.

*Mon coeur balance* se passa em um hotel de uma praia elegante de São Paulo na época, Guarujá, e entre suas personagens são encontrados diversos estrangeiros, além de um médico, um bacharel, um coronel e um jornalista. Em *Leur âme*, a história tem início em uma “casa rica” do bairro Higienópolis, passando por uma *garçoniere*, por um grande clube elegante e terminando em uma casa de campo no subúrbio da cidade, e tem como personagens um filósofo vegetariano, um bom burguês com seu filho, um padre e alguns estrangeiros.

Dessa forma, por se tratarem de peças que foram publicadas em 1916, escritas em meio a bares e cafés paulistanos por Oswald de Andrade e Guilherme de Almeida, passarem-se em

espaços exclusivamente urbanos e paulistanos, e caracterizarem diversos personagens pela nacionalidade ou por tipos sociais, há a necessidade de resgatar a história da cidade em sua fase de reconfiguração de diversos setores da vida paulistana.

### **Mudanças estruturais, planejamento urbanístico e sociabilidade urbana**

Entre fins do século XIX e início do século XX, houve diversas transformações no *ambiente* paulistano. A palavra *ambiente* foi colocada em itálico, pois é citada em sua origem latina, ou seja, no sentido de envolver os corpos por todos os lados, já que tais transformações provocaram mudanças nos aspectos políticos, sociais, econômicos, culturais, artísticos, visuais, enfim, afetando consideravelmente a vida da população de São Paulo.

A presença de diversas personagens estrangeiras nas obras pode ser explicada pelo fato de, na capital paulistana desse período, terem ocorrido os fenômenos da expansão urbana e explosão demográfica, resultantes principalmente da emigração estrangeira, haja vista que entre os anos de 1890 e 1900, houve um crescimento populacional de aproximadamente 370%, cuja parcela estrangeira alcançada aproximou-se de 55% do total de habitantes. Esta expansão redefiniu o entorno urbano da cidade, estabelecendo duas grandes frações: uma zona industrial, representada nuclearmente pelo Brás, e outra residencial, cingida essencialmente pelo Pacaembu, Campos Elíseos, Lapa, Avenida Paulista e Perdizes.

A presença da São Paulo Railway, da Estrada de Ferro Central do Brasil, o aumento constante da iluminação a gás – proveniente da companhia inglesa São Paulo Gás Company Ltd. –, e o fornecimento de serviços de água e esgoto pela Companhia Cantareira contribuíram

para esboçar o caráter industrial da cidade no início do século XX. Somado a estes fatores, há de se considerar o investimento nos sistemas de transporte e comunicações provenientes da elite cafeeira, enriquecida com o surto do café no século XIX.

Oswald, em *Um homem sem profissão*, além de especificar que tinha conhecimento acerca das novas instalações modernas da cidade devido ao seu pai ocupar o cargo de vereador, resgata em suas memórias a imagem inicial acerca da inauguração de bondes elétricos na capital paulista:

Anunciou-se que São Paulo ia ter bondes elétricos. Os tímidos veículos puxados a burros, que cortavam a morna da cidade provinciana, iam desaparecer para sempre. Não mais veríamos, na descida da Ladeira de Santo Antônio, frente à nossa casa, o bonde descer sozinho equilibrado pelo breque do condutor. E o par de burros seguindo depois.

Uma febre de curiosidade tomou as famílias, as casas, os grupos. Como seriam os novos bondes que andavam magicamente, sem impulso exterior? Eu tinha notícia pelo pretinho Lázaro, filho da cozinheira de minha tia, vinda do Rio, que era muito perigoso esse negócio de eletricidade. Quem pusesse os pés nos trilhos ficava ali grudado e seria esmagado fatalmente pelo bonde. Precisava pular.<sup>1</sup>

Tais alterações urbanas, que proporcionam a entrada de São Paulo na “modernidade”, coadunam com modificações em âmbito social, inclusive no que concerne à sociabilidade cidadina.

Enquanto na época da escravidão o espaço da rua era tido como de socialização das famílias, agora começam a ser criadas, nas casas, salas de visitas e escritórios, além de, no espaço da rua, haver a multiplicação de salões, clubes, cafés, entre outros espaços. O espaço público acaba por receber regularizações municipais que visam cunhá-lo, restritamente, como lugar de circulação, limpo e de respeitabilidade burguesa<sup>2</sup>.

Em *Mon coeur balance* foi marcante o fato de algumas personagens do hotel praticarem esportes, havendo a valorização dos mesmos, inclusive com descrições de roupas próprias para tal, levando-nos a buscar qual sentido suas práticas carregavam.

Como símbolo da vida moderna urbana, os esportes foram incentivados – com especial destaque para as ações de Washington Luís –, popularizando-se alguns até então restritos às camadas altas, como o ciclismo, o remo, a corrida e o futebol<sup>3</sup>. O velódromo passou a ser mais frequentado.

A prática de exercícios físicos ao ar livre gerou novas formas de sociabilidade e de sensibilidade, especialmente para as mulheres, pois tal atividade requer roupas específicas, e aumentou a participação feminina no espaço público. Além disso, os esportes também estavam relacionados ao fortalecimento da nacionalidade e de regeneração da população – disciplina, articulação de esforços, cooperação, coordenação, longa e paciente preparação, força, virilidade e sangue frio –, além das vitórias no campo das competições gerarem orgulho nacional e sentimento de otimismo em relação à tecnologia, haja vista que os artefatos modernos ajudavam

<sup>1</sup> ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão*. Memórias e Confissões. Sob as ordens de mamãe. São Paulo: Globo, 2002, p. 72

<sup>2</sup> ROLNICK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: FAPESP; Studio Nobel, 1997.

<sup>3</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu estático na metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

a superar desafios da natureza e limites corporais.

A educação física, difundida principalmente nessa época, sistemática e com regras precisas, auxiliava na formação de um povo forte, resistente, trabalhador e produtivo. A partir desses preceitos de tom lamarquista, Olavo Bilac passou a defender, em 1917, o serviço militar obrigatório como meio de fortalecer o homem brasileiro. Compartilhando dos mesmos preceitos, Washington Luís ordenou que houvesse a contratação de professores de ginástica suecos para as escolas públicas de São Paulo<sup>4</sup>.

Entre os debates urbanísticos do final do século XIX, em que os governantes basearam-se nas ideias e legislações europeias a fim de enquadrar-se ao mundo civilizado, há a aprovação do Código de Posturas de 1886, que consistia em limitar a existência de cortiços e casas de operários no centro da cidade, excluindo a presença de pobres nas áreas centrais e mais valorizadas de São Paulo. Outra questão proveniente destas discussões consiste em eliminar ou reduzir ao máximo as epidemias, proporcionando condições adequadas de saneamento a partir de questões higienistas. Dessa forma, elabora-se o Código Sanitário do estado de São Paulo e implanta-se a Diretoria de Higiene em 1894, claramente influenciados pela legislação francesa de higiene residencial de 1850.

As Escolas de Medicina, como a do Rio de Janeiro, baseavam-se em teorias médicas francesas e formaram gerações de higienistas brasileiros<sup>5</sup>. Tais teorias foram importantes para o planejamento urbanístico, pois o meio inadequado, os modos e hábitos de vida dos “miseráveis” eram considerados preponderantes para a propagação de doenças e epidemias.

Houve alterações também em

relação ao sentido que o solo assume nesta transmutação cidadina. Anterior a estas modificações, o solo tinha sentido de produção e moradia, convertendo-se agora, com a presença cada vez maior de assalariados e imigrantes, em frenesi imobiliário. Com aumento considerável do número de construções surge, em São Paulo, uma área especializada em atividades terciárias, chamada inicialmente de Triângulo Central, cujas construções abarcavam bancos, consultórios, escritórios, teatros, dentre outras atividades que se enquadraram neste novo centro comercial e financeiro da cidade. Assim, logo houve nova segmentação do espaço e as elites acabaram formando bairros como Campos Elíseos, Higienópolis, Santa Ifigênia e deu nova configuração à Avenida Paulista.

Na área do Triângulo Central, os lucros obtidos nos cafezais foram investidos neste nascente setor terciário e, juntamente com o desejo de adquirir hábitos europeizados, surgiram diversas lojas especializadas em artigos estrangeiros, principalmente franceses e ingleses, que conferiam um status social maior a uma elite sequiosa por um estilo de vida mais “civilizado”, ou seja, europeu.

Tal ocupação urbana gera deleite para os proprietários enquanto criavam símbolos de um novo poder, pois o Zé-Ninguém sente-se intimidado e assustado pelas proporções não humanas da demonstração urbana de riqueza e poder.

Outro fator decisivo para a alteração da sociabilidade e dos hábitos da cidade foi o uso da iluminação pública noturna, integrando a noite ao calendário e à vida social, inclusive como marca de civilidade.

Frequentar teatros foi uma prática que aumentou nesta fase. Segundo

<sup>4</sup> idem

<sup>5</sup> SCHARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*,

1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Antonio Barreto do Amaral<sup>6</sup>, em 1763 um grupo teve autorização da Câmara Municipal para a construção de uma casa de espetáculos, terminado em 1765, nomeada Casa da Ópera. Desta data até meados de 1870, havia na cidade cinco teatros: Casa da Ópera, Teatro de São Paulo; Teatro São José, Teatro Batuíra e Teatro do Palácio.

Com a inauguração de um Curso Jurídico em 1828, no Convento de São Francisco, houve envolvimento dos acadêmicos com o teatro, arrendando, por cinco anos, o Teatro da Ópera, atuando e escrevendo peças. Ocorreu um aumento considerável em relação aos freqüentadores de teatro. A partir de 1860, diminuiu-se a participação dos acadêmicos na prática teatral, dando lugar às companhias profissionais, especialmente líricas, que já atuavam na Corte e na Europa. Em 1868, acontece a demolição do Teatro da Ópera por ordem do governo da província, restando, em São Paulo, apenas os Teatros São José e Batuíra. O primeiro pegou fogo, mas foi reconstruído.

Horácio de Souza Muniz, em 1873, decide construir um teatro em caráter temporário, chamado de Teatro Provisório, cito à Travessa da Boa Vista, sendo este o local da primeira temporada lírica da cidade, gerando concorrência<sup>7</sup>. Em 1879, o Provisório passa a ser chamado de Teatro Ginásio Dramático, uma cópia do Gimnase Frances, recebendo peças do Rio de Janeiro, como comédias de França Júnior, Arthur Azevedo, entre outros, passando a chamar-se, em junho do mesmo ano, Teatro das Variedades Paulistanas. Este local, após ser comprado pela Companhia de Teatros Paulistas, passou a chamar-se Teatro Minerva em 1891 e depois Teatro Apolo. Após diversas reformas, foi adquirido por Antonio Álvares Leite Penteadó, que o demoliu e construiu uma

nova casa de espetáculos, denominada Teatro Santana, o qual foi inaugurado em 1900 com o drama *Helen*, do português Pinheiro Chagas, e era iluminado à luz e a gás, possuía poltronas e cadeiras em estilo europeu moderno.

Em 1892, estabelece-se o Teatro Politerama, de propriedade da Companhia Antártica Paulista. A casa não possuía assoalho, o que obrigava o público das cadeiras a ficarem com os pés no chão; entretanto, era iluminado à luz elétrica. Devido às suas instalações, teve que se adaptar às exigências da Intendência de Polícia e Higiene a fim de continuar em funcionamento. O local foi destruído por um incêndio em 1914.

Havia ainda, no fim do século XIX, o Teatro Colombo, localizado no Lago da Concórdia, no Brás, tendo que ser remodelado, pois inicialmente funcionava no prédio de um antigo mercado. Este se tornou, no século XX, um dos mais populares da cidade.

Em 1909, inaugura-se o segundo Teatro São José, situado à Rua Xavier de Toledo, esquina com o Viaduto do Chá. Próximo ao São José, *O Estado de S. Paulo* lança, em 1916, o Teatro Boa Vista, localizado na rua de mesmo nome.

### Considerações finais

Como se pode verificar, a cidade de São Paulo encontra-se muito diferente de seu passado colonial, enriquecida pelo pujante setor cafeeiro, com investimentos em setores urbanos rentáveis e com grande contingente de imigrantes. Esta fase coincidiu com a necessidade das elites brasileiras de criar um sentimento de identidade nacional.

Aos intelectuais, colonizados intelectualmente pelos paradigmas europeus, foi árdua tal tarefa, já que cidades grandes, como São Paulo e Rio de

<sup>6</sup> AMARAL, Antonio Barreto do. *História dos velhos teatros de São Paulo*. São Paulo: Governo do Estado, 1979.

<sup>7</sup> Idem

Janeiro, estavam estruturadas pela mescla de culturas, idiomas e sotaques, e pelo fato de os símbolos criados para representar a brasilidade com o advento da República não terem sido suficientes para sustentar e estabelecer a base deste sentimento<sup>8</sup>.

Assim, a intelectualidade chamou para si a “missão” de demonstrar a verdadeira face da nação. Lucia Lippi Oliveira<sup>9</sup> nos apresenta o surgimento, no início do século XX, de uma vertente não tão ligada aos regimes políticos, mas ao nacionalismo como fruto das condições naturais da terra – prodigiosa e abençoada – e aos valores das três raças originárias, denominado ufanismo, dando esperanças positivas para o futuro e marcando profundamente o pensamento social brasileiro na Primeira República<sup>10</sup>.

Entretanto, outra vertente intelectual do período se lança ao passado em busca de características positivas da brasilidade. As alterações das características físicas da cidade de São Paulo e a diversidade populacional devido à variedade de nacionalidades, culturas e línguas trazidas pelos imigrantes europeus, geraram uma espécie de desintegração social, uma negação da herança luso-africana e a adesão aos hábitos europeus, identificados pelos brasileiros como exemplo a se seguir. Forma-se, então, uma marca identificadora da cidade no início do século XX, a marca da alteridade<sup>11</sup>.

A fisionomia da cidade muda, marcada pela relação do novo com o velho, pelo aumento da velocidade do ritmo social, pela imigração, pelo café, pelas indústrias, pelas novas línguas, pelos

novos hábitos, pela estética neoclássica, e, com essa mudança, vão desaparecendo as marcas culturais e materiais originais, gerando uma perda da identidade pela alteridade.

Segundo Bronislaw Baczko<sup>12</sup>, uma das funções dos imaginários sociais consiste na organização e domínio do tempo coletivo no plano simbólico e uma coletividade fixa sua identidade ao mesmo tempo em que elabora uma representação de si. Dessa maneira, cristaliza-se, em São Paulo, uma história em dois tempos: o das origens e o da europeização descaracterizadora. A imagem do bandeirante serve como apoio para essa identidade perdida com a chegada do imigrante europeu, gerando um fio de continuidade ao representar o mito fundador de São Paulo como a nação brasileira. Tanto Guilherme de Almeida quanto Oswald parecem ter aderido a essa ideia, como demonstrado no decorrer da dissertação.

Nesse sentido, a necessidade de buscar as raízes do sentimento nacional entrecruza-se com o debate sobre a matriz básica, regional, que poderia dar origem à melhor sociedade. A intelectualidade paulista, nesse sentido, apega-se à ideia de modernidade e mescla de culturas e passa a produzir a partir destes aspectos a fim de justificar a soberania regional frente o restante do país. Sua nova estrutura urbana, os investimentos citadinos do setor cafeeiro, a nova sociabilidade e as artes contribuirão para que se cristalize a noção de São Paulo como a “locomotiva” do país.

<sup>8</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>9</sup> OLIVEIRA, Lucia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

<sup>10</sup> O termo Primeira República foi utilizado ao invés de República Velha, pois, como nos apresenta Ângela de Castro Gomes, o segundo foi consagrado por “ideólogos autoritários das décadas de 1920 a 1940”, restringindo a participação popular a revoltas, greves e motins,

desconsiderando associações recreativas, esportivas e dançantes da população pobre. GOMES, Ângela de Castro. *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte: Argymentvm, 2009. p. 21.

<sup>11</sup> PINTO, Alfredo Moreira. *A cidade de São Paulo em 1900*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1979.

<sup>12</sup> Baczko, Bronislaw. “*A imaginação social*” In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

## Referências

AMARAL, Antonio Barreto do. **História dos velhos teatros de São Paulo**. São Paulo: Governo do Estado, 1979.

ANDRADE, Oswald de. **Um homem sem profissão**. Memórias e Confissões. Sob as ordens de mamãe. São Paulo: Globo, 2002, p. 72

BACZKO, Bronislaw. “*A imaginação social*” In: Leach, Edmund et Alii. **Anthropos-Homem**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Ângela de Castro. **A República, a História e o IHGB**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **A questão nacional na**

**Primeira República**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

PINTO, Alfredo Moreira. **A cidade de São Paulo em 1900**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1979.

ROLNICK, Raquel. **A cidade e a lei**: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: FAPESP;Studio Nobel, 1997.

SCHARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu estático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992